

A RELIGIOSIDADE EM MACUNAÍMA: O SAGRADO POR MEIO DAS MANIFESTAÇÕES RELIGIOSAS DE MÁRIO DE ANDRADE

Paula Daniela Silva Marinho¹

RESUMO:

Este trabalho tem o intuito de apresentar o sagrado por meio das manifestações religiosas presentes na obra Macunaíma (1928) de Mário de Andrade. Em função das três principais matrizes culturais brasileiras - indígena, europeia e africana - presentes na narrativa andradiana, é possível perceber a maneira pela qual a religiosidade se manifesta em virtude das linguagens (símbolo, mito e rito) que a compõem e que conferem à obra uma multiplicidade de sentidos, os quais giram em torno de uma concepção de mundo calcada na religião, a qual necessita ser melhor compreendida, interpretada e analisada no contexto da rapsódia de Andrade.

Palavras-chave: Sagrado; Linguagens; Religião; Modernismo.

1 - Licenciada Plena em Letras: Português/Inglês pela Universidade da Amazônia (UNAMA) e mestranda do curso de Ciências da Religião da Universidade do Pará (UEPA). E-mail: pds-marinho@gmail.com

2 - O Manifesto Antropofágico, lançado na Revista de Antropofagia em 1928 por Oswald de Andrade, propunha a deglutição e transformação das influências estrangeiras a fim de que se pudesse permanecer fiel à raiz nacional, isto é, à raiz primitiva, antropófaga, crítica.

INTRODUÇÃO

A RELAÇÃO ENTRE MACUNAÍMA E A RELIGIÃO NA LITERATURA DE MÁRIO DE ANDRADE

Sendo uma das obras referenciais do movimento Modernista Brasileiro, Macunaíma (1928), de Mário de Andrade, tem sido objeto de estudo de inúmeros pesquisadores há vários anos. Um dos motivos da importância da obra dá-se pela maneira pela qual a cultura brasileira é apresentada. O Brasil de Mário de Andrade caracteriza-se pela desregionalização, pela unificação dos mais diversos costumes, tradições, crenças e linguagens em um único território, cujas fronteiras são inexistentes. Nele, mito e realidade fundem-se harmonicamente. Por meio do uso de elementos de origens distintas, Mário de Andrade não poderia construir um Brasil mais sincrético. O sincretismo a que aqui me refiro assume uma conotação bem maior do que aquela a que se está, geralmente, associado: a de sincretismo religioso. De fato, sendo as religiões sincréticas, pode-se concluir que a cultura assim também o é, uma vez que a religião é uma das esferas que a compõe.

Massimo Canevacci (1996, p.13) define sincretismo como algo que “atropela, dissolve e remodela a relação entre os níveis alheios e os familiares, entre os da elite e os de massa das culturas contemporâneas.” O autor cita Macunaíma (1928) como um sábio exemplo de antropofagia, que é, na realidade, uma das formas pelas quais o sincretismo apresenta-se. O sincretismo andradiano ocorre de maneira geral, pois perpassa por todas as esferas da cultura, enquadrando-se, portanto, na definição atribuída por Canevacci. Obviamente, a religião encontra-se neste emaranhado de combinações, exclusões e recombinações. E Macunaíma, o protagonista, caracteriza-se como um herói sincrético, inclusive, no próprio quesito religião já que não está intimamente vinculado a nenhuma delas, utilizando-se de símbolos e elementos sagrados de variadas crenças e participando também de rituais diversos.

Telê Porto Ancona Lopez (1974), em Macunaíma: a margem e o texto, menciona a relação da obra de Andrade ao antropofagismo² proposto no movimento modernista. Segundo a autora, ainda que Mário de Andrade não tenha escrito sua obra com intenções antropofágicas, há elementos coincidentes na rapsódia uma vez que apresenta uma postura estética de nacionalismo crítico ao incluir o Brasil numa realidade sul-americana e tropical; filiando-o ao Sol ou à Vei, valorizando, desse modo, o primitivismo e o lazer.

No anseio modernista de captar um Brasil primitivo, buscando o rústico e o arcaico, a dimensão do passado e a do mito, Mário lançara-se na leitura dos viajantes e dos etnógrafos. Encontrando a antropofagia na mitologia do índio, acolhe-a no romance, dá-lhe função simbólica, mas não a transforma na razão norteadora (LOPEZ, 1974, 19).

A conclusão de Lopez (1974) em relação a Macunaíma e a antropofagia é que esta se dá pela luta entre aquilo que se considera primitivo com o aquilo que considera civilizado. Há diversos pares de dualidades (rural x urbano; primitivo x civilizado; atual x tradicional) em jogo na narrativa andradiana, os quais podem ser compreendidos pela

esfera e presença da religiosidade na obra visto que esta age de forma essencial para o desenvolvimento do enredo da narrativa. Esse jogo é percebido pela configuração de um elemento motriz na jornada do personagem Macunaíma, que se materializa por meio de suas linguagens (símbolo, mito e rito), estando, portanto, intimamente vinculado à teoria de Keyserling, apresentada pela autora de Macunaíma: a margem e o texto, ao tratar do papel do primitivismo em obra andradiana.

Keyserling apresenta um modelo de civilização que ainda que esteja calcado nas estradas do progresso, não abandona a espiritualidade, as crenças e seus deuses. Lopez (1974) evidencia que essa era a intenção de Mário de Andrade ao escolher um protagonista oriundo da região amazônica, pois, sendo ele um homem tropical, diferenciava-se dos demais por não estar atrelado a uma concepção mecanizada e inteiramente racional de mundo. Desse modo, o personagem Macunaíma estaria mais próximo da verdadeira civilização, do Ser.

Lopez compreende que por meio dessa valorização do primitivo, Mário de Andrade apresenta um estado de harmonização com a natureza, um estado primeiro das coisas enquanto algo essencial para a vida dos homens. Por isso, o uso dos mitos indígenas foram uma forma por ele encontrada de dar ao Brasil um passado histórico adornado de elementos sacros, onde deuses e heróis e, até mesmo, anti-heróis, coexistem, servindo aos homens de base para sua formação. Tal qual os mitos dos índios brasileiros, a cultura negro-africana também serviu de material de inspiração para a composição da rapsódia de Andrade em virtude de não se distanciar da concepção de mundo encontrada nos povos autóctones do Brasil.

Essa necessidade de demonstrar uma realidade em que o véu entre o natural e o sobrenatural encontra-se suspenso, em que as personagens interagem com o sagrado e, muitas vezes, dele fazem parte podem ser esclarecidas por meio da obra *O sagrado e o profano*, de Mircea Eliade (2010a). Segundo este historiador das religiões, o homo religiosus é aquele que habita em um mundo onde há rupturas espaciais e temporais, pois o sagrado, ao se manifes-

tar, revela uma realidade que se diferencia daquela pertencente ao nosso mundo, sendo completamente diversa das tidas como 'naturais'. As personagens de Macunaíma vivem em um Brasil heterogêneo por excelência e tais características dão-se não apenas pela variedade de elementos nela presentes, mas também pelo simples fato dessa quebra espaço-temporal ser tão evidente, que o sagrado mescla-se ao chamado mundo concreto, real.

Contudo, de acordo com a teoria de Eliade, para o homem religioso a realidade por excelência é aquela na qual o sagrado manifesta-se visto que está em comunicação com o mundo dos deuses, que foram os responsáveis pela fundação deste mundo. Na obra Macunaíma é possível perceber que, de fato, a realidade absoluta do texto é aquela compreendida segundo a visão do homo religiosus já que este véu anteriormente mencionado é constantemente suspenso, fazendo com que, assim, aspectos relativos à sacralidade revelem-se de forma transparente para aqueles que neles acreditam e neste mundo habitam.

Assim, percebe-se que o herói de Andrade, ao transitar por crenças diversas e ao entrar em contato com simbologias oriundas de culturas distintas ao longo da narrativa, agrega à sua personalidade e conduta características de um homo religiosus já que, em vários capítulos, interage com o sagrado, recorrendo ou utilizando-se deste em variadas situações. Compreende-se, assim, que isso já atesta o quão imbricada faz-se a religião na obra.

Outras personagens, também, estão intimamente ligadas à religiosidade, como é caso do irmão mais velho de Macunaíma, o qual personifica aspectos da pajelança amazônica, o que evidencia que a realidade apresentada por Mário de Andrade é aquela na qual a religião faz-se presente. A realidade primeira do protagonista Macunaíma é a do mito, pois assim ele compreende o mundo a sua volta, assim foi ele concebido.

Desse modo, atesta-se que essa seria a inspiração poética buscada por Mário de Andrade nos livros religiosos e não apenas neles, visto que é lhe patente e comprovada a influência da tradição oral. Por meio

desta, são reconhecidos e ativados elementos da religiosidade, para a composição de sua rapsódia, que apresenta mito, símbolo e, por que não dizer, rito e, sendo esses elementos linguagens da religião, proporcionaram ao escritor modernista toda uma gama de fatores que serviram de adorno para a criação da obra Macunaíma.

Desse modo, por meio de uma breve análise, será apresentada uma compreensão sobre de que maneira as três principais matrizes religiosas brasileiras – indígena, cristã e afro-brasileira – fazem-se representadas na obra de Andrade, com o intuito de melhor entender o papel e a importância do sagrado nessa narrativa. As linguagens da religião pela qual a rapsódia se compõe são de extrema relevância para o desenvolvimento do enredo de Macunaíma uma vez que permeiam a maioria de suas ações e eventos, agregando à obra um caráter religioso que há muito tempo e por muitos autores vem sendo ignorado ou sutilmente mencionado.

A POLIMORFIA DO SAGRADO EM MACUNAÍMA

Inicia-se pela análise da presença do sagrado em Macunaíma, por meio de elementos das manifestações religiosas ameríndias brasileiras. Para tanto, faz-se importante começar pelo objeto motivador ou, por que não dizer, movente dessa narrativa andradiana que é o muiraquitã. Sabe-se que um dos motivos pelo qual o herói de Andrade abandona o ambiente que lhe era familiar para adentrar em sua famosa jornada Brasil afora dá-se em função da perda desse amuleto, que lhe era tão querido uma vez que lhe fora dado pela sua amada icamiaba Ci. Tanto o amuleto quanto Ci são figuras diretamente vinculadas ao sagrado e, portanto, à religiosidade na rapsódia andradiana. Se formos analisar a suposta origem do muiraquitã, veremos que ele está relacionado à lenda das chamadas índias-guerreiras, mais conhecidas como icamiabas, as quais durante a festa de Iaci (Lua) convidavam varões da aldeia mais próxima para celebrar com elas. Um dos intuitos da festa era a procriação. Conta-se que após o acasalamento, essas mulheres mergulhavam em um rio denominado de Espelho da Lua e retiravam de seu leito o muiraquitã, ainda por ser moldado. A petrificação do talismã dava-se por meio do contato da terra com

o ar. Em seguida, ele era entregue aos homens por elas escolhidos, conferindo-lhes, assim, prestígio aonde quer que fossem, além de outros atributos mágicos como boa sorte e cura de doenças.

Eliade (2010b), em *Tratado de História das Religiões*, contribui para a compreensão de que a maneira desses elementos da lenda do muiraquitã se configuram como símbolos religiosos. Para tanto, destaca-se o fato de que a confecção de tal objeto dá-se a partir de sua retirada do leito de um rio denominado de Espelho da Lua durante a festa de Iaci (deusa indígena brasileira da lua).

A partir de tal noção, podem-se perceber as relações existentes entre a lua, as águas, a terra e a pedra uma vez que, de acordo com as inúmeras análises feitas por Eliade, tais elementos acabam por integrar-se ao manifestarem-se conjuntamente. E, ao apresentar a relação existente entre a lua e as águas, o historiador das religiões demonstra algo interessante: “A lua está nas águas.” De fato, se levarmos em consideração que as águas refletem a lua, veremos que a assertiva de Eliade (2010) ajusta-se perfeitamente à lenda amazônica, visto que o amuleto é retirado do leito do rio pouco antes da meia-noite enquanto as águas serenas do rio refletem a lua.

Ainda de acordo com esse autor, “todas as divindades lunares conservam, mais ou menos, manifestos atributos ou funções aquáticas” (ELIADE, 2010b, p.132). As águas, assim como a lua, apresentam características cíclicas, pois são fontes inesgotáveis de renovação, de regeneração, de renascimento, estando ambas, desse modo, associadas à fertilidade, características pertencentes à mulher. Em relação à terra, veremos que ela é representada pelo leito de onde o talismã sagrado é retirado e também agrega características referentes à sacralidade feminina, estando intimamente relacionada às águas e à própria lua. A terra é fonte inesgotável de criação e assim como a mulher tem como atributo a fecundidade. Ela é um elemento vivo já que tudo que é dela proveniente é também dotado de vida. Nesse sentido, observa-se que as pedras formam juntamente com a terra uma unidade, visto que integram uma das variadas hierofanias que se desenvolvem a partir de

suas camadas telúricas.

As pedras conservam a força, o mana, a energia vital tão valorizada pelos homens desde os tempos mais remotos. No entanto, sabe-se que não é toda e qualquer pedra que é considerada sagrada, apenas aquela que exprime tal poder perante o homem, diferenciando-se, desse modo, das demais. Na lenda do muiraquitã, o formato do amuleto denota o que Eliade (2010b) denomina de animais símbolos ou “presença” da lua e, embora este possa assumir diversas formas, a rã é a mais comumente encontrada. A rã é um desses animais e evoca a lua ao inchar, mergulhar e reaparecer na superfície da água.

Na lenda amazônica, a forma de sapo/rã é a mais difundida; contudo, na obra de Andrade, vê-se que o amuleto de Macunaíma se apresenta em forma de sáurio, ou seja, de lagarto e fora, posteriormente, engolido por um sapo, demonstrando que Mário de Andrade reutilizou-se de dados da lenda a fim de adaptá-la à sua narrativa. A partir dessa breve apresentação dos elementos envolvidos na lenda e na obra *Macunaíma*, atesta-se que há toda uma lógica por detrás delas, a qual engloba valores sagrados, ratificando mais uma vez a presença da religiosidade na confecção do texto de Andrade.

Oscar d’Ambrósio (1994), em *Mito e Símbolos em Macunaíma*, destaca que a muiraquitã é um elemento relacionado à terra, estando, portanto, vinculado às crenças telúricas, nas quais o sagrado feminino é o princípio regente. No entanto, esse mesmo amuleto também está relacionado aos elementos água e ar, acumulando forças antagonicas entre si uma. A terra e a água, por exemplo, são elementos femininos, passivos e descendentes; já o ar é dotado de uma força masculina, ativa e espiritual que transita entre o céu (masculino) e a terra (feminino), fazendo com que este último exerça um poder maior sobre o primeiro, impossibilitando, desse modo, a recuperação do amuleto pelo herói de Andrade, bem como sua ascensão aos céus junto a Macunaíma.

Além disso, não se pode ignorar o fato de que o muiraquitã é dotado de uma força/energia vital que auxilia o herói em diversos momentos ao longo da narrativa andra-

diana. Essa força/energia vital é destacada por Dadie Kacou Christian (2007), na tese de doutorado intitulada *Um africano lê Macunaíma: uma interpretação da rapsódia de Andrade com base em elementos literários e culturais negro-africanos*, como algo capaz de curar moléstias, conferir sorte e, até mesmo, autoridade ao protagonista de Andrade. A autoridade, nesse caso, é segundo Christian conferida a partir do momento em que Ci presenteia o herói com o amuleto, tornando-o imperador do Mato-Virgem. Ci, aliás, reúne características de uma Grande Deusa, pois é mãe, é fértil, é nutridora, concebe e é soberana, podendo unir-se carnalmente ao herói modernista, transformando-o em imperador do Mato-Virgem. Nesse momento, tem-se, então, uma alusão à Deusa e seu consorte.

Haroldo de Campos (2008), na obra *Morfologia do Macunaíma*, salienta algo interessante acerca do capítulo em que se dá o encontro de Ci e Macunaíma. Primeiramente, ele menciona as contradições ali presentes, as quais estão relacionadas aos seguintes fatos: Ci, enquanto Mãe do Mato, é também definida como Rainha das Icamíabas – alusão à lenda clássica das Amazonas – e, seja ela amazônica ou grega, apresenta algumas interdições, como o casamento, por exemplo. Macunaíma, ao unir-se carnalmente à índia guerreira, torna-se Imperador do Mato-Virgem, soberano juntamente com ela daquela terra. Contudo, verifica-se que, enquanto burlador de normas, Macunaíma rompe com um interdito tribal e acaba sendo por isso duplamente punido com a morte simbólica de Ci e de seu filho, fruto de uma união proibida.

Cavalcanti Proença (1974), em *Roteiro de Macunaíma*, ao falar de Ci, afirma que ela foi uma criação de Mário de Andrade baseada na imagem e semelhança de outras mulheres lendárias do começo do mundo. Tal começo de mundo refere-se, portanto, a um tempo primordial, de origem; tempo esse que se remete à ancestralidade do Brasil, quando qual a lógica que nele imperava era aquela em que o sagrado/sobrenatural coexistia lado a lado e ativamente com o mundo natural/material.

De uma forma ou de outra, o encontro de Ci com Macunaíma e a presença do mui-

raquitã na narrativa de Andrade podem ser, até mesmo, enquadrados segundo as análises presentes na obra *O herói de Mil Faces*, de Joseph Campbell (2007), já que a jornada empreendida pelo herói brasileiro se assemelha àquelas realizadas por heróis das mais variadas culturas e origens. Campbell (2007) relata, dentre as fases às quais o herói deve se submeter, a do encontro com a deusa. Vê-se que em Macunaíma tal encontro ocorre por meio da icamiaba Ci, pois ela personifica aspectos, como fora anteriormente mencionado, de divindade, de sacralidade feminina e, geralmente, é nesse encontro que se dá aquilo denominado de hierógamos, ou seja, o casamento místico entre o herói e a deusa.

Ainda segundo esse autor, o casamento místico representa o domínio total da vida por parte do herói; pois a mulher é vida e o herói, seu conhecedor e mestre. E, como a jornada do herói ocorre de forma cíclica - separação-iniciação-retorno - o muiraquitã configura-se como “troféu”, Velocino de Ouro, que Macunaíma deve recuperar a fim de retornar a seu destino final tal qual os grandes heróis assim o fazem.

Quando ficou bem imóvel, Macunaíma se aproximou e brincou com a Mãe do Mato. Vieram então muitas jandaias, muitas araras vermelhas tuins coricas periquitos, muitos papagaios saudar Macunaíma, o novo Imperador do Mato-Virgem (ANDRADE, 2007, p. 32).

Além desses elementos que remetem à religiosidade indígena, verificam-se também aqueles que estão intimamente vinculados às religiões de matriz afri-

3 - Para uma melhor compreensão acerca dos tipos psicológicos e elementos primordiais, consultar *Análise formal do panteão nagô, em Culto aos Orixás*, organizado por Carlos Eugênio Marcondes de Moura, 2011, 21-78.

4 - Para que se tenha ciência do santo (orixá) que rege determinado indivíduo é necessário que este seja feito, ou seja, que se submeta a um processo de iniciação, no qual os duplos sobrenaturais dos elementos psíquicos da pessoa são fixados em objetos simbólicos, e sua contraparte neste mundo, fixados na sua cabeça e corpo (MOURA, 2011, p. 71).

cana. Penso que um dos capítulos mais propícios para se analisar tais questões é aquele denominado de Macumba. Nesse capítulo, há a presença de diversas entidades afro-brasileiras, bem como de figuras históricas ligadas à prática de tais cultos e de um ritual, no qual personagens reais e fictícias participam. No entanto, um dos aspectos mais relevantes a ser considerado nesta análise é a relação estabelecida entre Macunaíma e Exu. A entidade Exu pode ser entendida como o eixo central de Macumba. Há uma ligação bastante perceptível entre o herói e o mensageiro africano uma vez que Exu o escolhe para ser seu filho. As entidades do panteão afro-brasileiro podem ser compreendidas como representações de tipo psicológicos, que se diferenciam umas das outras pelo tipo morfológico, comportamento sexual, psicologia propriamente dita, agressividade, etc., correspondendo tradicionalmente aos quatro elementos da natureza: ar, água, fogo e terra, aos quais mais duas categorias foram acrescentadas: cultura, representada pelo ferro e natureza, identificada pelos vegetais e animais selvagens³.

As características dos orixás servem de base para definir as pessoas, os tipos humanos, seus temperamentos e personalidade. Os filhos-de-santo herdaram e reproduzem supostamente o caráter do seu santo de cabeça⁴; no entanto, não há nenhuma evidência na obra de Andrade de que o protagonista Macunaíma tenha se submetido a um processo de feitura para ser escolhido como filho de Exu; mas, ainda assim, Exu o escolhe. Creio que tal fato ocorra em função de Macunaíma compartilhar características semelhantes às dele. Exu está incluído na categoria do elemento fogo, pois se apresenta como dinâmico, de caráter volúvel, sexualmente intenso, atrevido, imprevisível, etc. Pode-se argumentar que a maneira pela qual o herói modernista se porta não se distancia muito daquela do mensageiro dos deuses africanos. Talvez, seja esse, então, o motivo da escolha de Mário de Andrade pelo uso de Exu no capítulo Macumba.

Outra peculiaridade que Macunaíma divide com Exu que é a de ser transformador. Segundo Reginaldo Prandi (2001), no artigo Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu,

publicado pela Revista USP, o transportador e mensageiro dos deuses pode ser assim definido:

Exu é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em questão, romper a norma e promover a mudança. Não é, pois, de se estranhar que seja considerado perigoso e temido, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu. Exu carrega qualificações morais e intelectuais próprias do responsável pela manutenção e funcionamento do status quo, inclusive representando o princípio da continuidade garantida pela sexualidade e reprodução humana, mas ao mesmo tempo ele é o inovador que fere as tradições, um ente, portanto nada confiável, que se imagina, por conseguinte, ser dotado de caráter instável, duvidoso, interesseiro, turbulento e arrivista (PRANDI, 2001).

De acordo com a descrição acima feita, percebe-se o porquê da escolha de Exu por Macunaíma. Embora seja sabido que Exu não possui preferência por nenhum deus, humano ou antepassado, ter o herói andradiano como seu filho é praticamente ter um espelho de si mesmo em solo brasileiro. Macunaíma é também um inovador, um burlador de normas sociais e morais, modifica os locais por onde passa, transforma-os e transforma-se ao longo da narrativa. É uma personagem de caráter instável tal qual o mensageiro africano e é em função de tamanha instabilidade que o título de herói sem nenhum caráter lhe fora atribuído.

Poder-se-ia, até mesmo, fazer uma relação entre o significado do nome do herói de Andrade: Maki = mau e o sufixo aumentativo Ima = grande, com Exu, já que este significa “O grande mal”, coincidindo, então, com a visão cristã que se tem do mensageiro dos orixás, a de diabo, demônio. De fato, Mário de Andrade não colabora muito

para a desmistificação de tal concepção uma vez que no ritual no qual Exu se manifesta os pedidos por ele atendidos estão vinculados à sexualidade/amor ou a prejudicar/enganar alguém. Assim, a ênfase que fora dada a Exu consiste em explorar a polaridade negativa que lhe pertence.

Segundo Christian (2007), a palavra na cultura africana é dotada de força vital, devendo, desse modo, ser utilizada com cautela, pois pode tanto causar malefício quanto benefício. Assim, vemos que o nome do herói além de estar relacionado à ancestralidade indígena, inserindo-o em determinado grupo e demarcando-o dentro de tal, também é provido dessa mesma força vital que rege o universo dos chamados povos primitivos⁵, dos quais Macunaíma é oriundo. De acordo com as análises de Christian, o significado do nome do herói de Andrade é fundamental para uma melhor compreensão da narrativa já que o nome na cultura dos povos primitivos é revestido de um caráter especial que situa e orienta o indivíduo em sua trajetória ao longo da vida. Assim, o nome de Macunaíma já dá indícios de que o destino do herói não terá um final feliz.

Tanto Exu quanto Macunaíma são considerados como tricksters, pois são figuras paradoxais. O trickster tem em si um lado obscuro, sombrio, o qual é acionado de acordo com a conveniência. Daí seu caráter dúbio, perigoso, podendo denotar, até

mesmo, um certo primitivismo em decorrência de seu caráter inconsequente. Essas características, de acordo com Carl Jung (2008), fazem ainda parte do homem culto, moderno, pois basta que lhe aconteça algo que lhe tire de seu estado de consciência para que este personifique aspectos de um trickster. Assim, vê-se que Macunaíma e Exu, em sua inconstância de caráter e conseqüentemente de conduta, assemelham-se à figura do trickster já que transitam entre o “bem” e o “mal” quando lhes convém e lhes é exigido. Campbell (2007, p.139) define Exu como uma entidade que personifica contradições: o bem e o mal, a vida e a morte, a dor e o gozo, a prosperidade e a privação; no entanto, embora Macunaíma se apresente de forma similar à de Exu, entende-se que a definição dada por D’Ambrósio (1994) em relação ao herói é bastante pertinente. Segundo ele:

Herói comum e anti-herói divino se encontram em Macunaíma, mítico e personagem presente no interior de cada indivíduo. Afinal, o ser humano é exatamente um ambulante e complexo microcosmos de contradições que apenas pode ser sublimado pela arte e pelos arquétipos nela contidos, universos que Mário de Andrade dominava como poucos (D’AMBRÓSIO, 1994, p.33).

Não há aqui uma reflexão por parte dessas personagens acerca daquilo que é compreendido socialmente como certo ou errado. Eles encontram-se acima de tais regras. Isso poderia ser então uma forma de referência a um comportamento primitivo do homem, um homem que é regido por suas próprias leis e vontades, estando alheio ao bem-estar coletivo.

Em relação ao universo cristão presente na obra de Andrade, vê-se no capítulo A Francesa e o Gigante Macunaíma orar a Nossa Senhora e a Santo Antônio de Nazaré. Já no capítulo Piaimã, tem-se a figura de Sumé que, de acordo, com lendas tupis-guaranis, era um herói mítico que teria estado entre os índios antes da chegada dos portugueses e seria o responsável pela transmissão do evangelho de Cristo, além de diversos conhecimentos como, por exemplo, o da agricultura. Na obra an-

dradiana, Sumé também é retratado como um pregador do evangelho de Jesus Cristo sendo, portanto, introdutor da fé cristã, e aquele que teria encantado a água de uma cova ao pisar numa lapa bem no meio do rio, na qual Macunaíma banhou-se e transformou-se em um homem branco, loiro e de olhos azuis. Segundo D’Ambrósio (1994), Sumé é, na realidade, São Tomé, o qual dentre tantas viagens evangelizadoras, teria vindo ao Brasil com a mesma finalidade. Embora tal fato não seja comprovado historicamente, a crença nesse episódio faz-se presente. Para esse pesquisador, Mário de Andrade teria recorrido à narrativa registrada por Lindolpho Gomes, em Contos Populares Nordesteiros, para a construção de tal evento em Macunaíma:

Nesta Deus, com pena de três irmãs que choram a morte dos pais, mostra uma fonte onde poderiam lavar-se e ficar brancos, diferenciando-se de todos os outros homens, negros. O primeiro sai branco; o segundo, vermelho, pois a água já ficara suja; e o terceiro apenas clareia as plantas dos pés e as palmas das mãos (D’AMBRÓSIO, 1994, p. 62).

Como o autor observa, Mário de Andrade modifica a narrativa popular, transformando a fonte em cova e a intervenção de Deus na de Sumé, destacando o fato de que a ausência do vocábulo fonte na obra modernista retiraria do episódio os elementos divinos que lhe cabem. Contudo, o caráter milagroso do episódio fora por Mário de Andrade mantido ao atribuir a São Tomé, um santo que somente acredita naquilo que vê, o poder de encantar a água. É interessante perceber que D’Ambrósio tenha tido a preocupação em demonstrar que a religião é um eixo muito significativo no desenvolvimento e composição de Macunaíma ao apresentar ao leitor que, por meio da resignificação e reatualização do texto acima apresentado, o sagrado mantém-se na obra. Assim, a São Tomé fora atribuído o milagre da transformação na rapsódia andradiana uma vez que ele é um santo que apenas acredita naquilo que vê, destacando, portanto, a relação entre o santo católico e Macunaíma visto que

5 - *O carneiro pediu para que todos comprassem a carne doente por ele vendida e Exu consentiu; um fazendeiro queria que não tivesse mais saúva ou maleita em seu sítio e Exu não consentiu; um namorista pediu que a namorada conseguisse um emprego de professora para que eles pudessem, então, casar e Exu assim o fez; um médico pediu à entidade africana que esta lhe concedesse o dom de escrever com muita elegância a fala portuguesa; porém, Exu não o atendeu e, finalmente, Macunaíma pediu-lhe que este fizesse Venceslau Pietro Pietra, o gigante Piaimã, sofrer e Exu o atendeu, visto que este era filho e deus, então, “uma sova” no gigante (Andrade, 2007, p.80-81).*

6 - *Compreenda-se primitivo enquanto algo originário, primeiro, como um termo desprovido do valor pejorativo que o abarca.*

ANDRADE, Mário. *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

CAMPOS, Haroldo. *Morfologia do Macunaíma*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

CANEVACCI, Massimo. *Sincretismos: uma exploração das hibridizações culturais*. São Paulo: Studio Nobel: Instituto Cultural Italo-brasileiro, 1996.

CHRISTIAN, Dadie Kacou. *Um africano lê Macunaíma: uma interpretação da rapsódia de Andrade com base em elementos literários e culturais negro-africanos*. Tese de Doutorado: São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007.

D'AMBROSIO, Oscar. *Mitos e Símbolos em Macunaíma*, São Paulo, Selinunte Editora, 1994.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Tradução de Rogério Fernandes. 3.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.

_____. *Tratado de História das Religiões*. Tradução de Fernando Tomaz e Natália Nunes, São Paulo, Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução de Maria Luíza Apy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva. 6.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOPEZ, Telê Porto Ancona. *Macunaíma: a margem e o texto*. São Paulo, HUCITEC, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1974.

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. *Culto aos orixás: voduns e ancestrais nas religiões afro-brasileiras*. 1.ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

PRANDI, Reginaldo. *Exu, de mensageiro a diabo: sincretismo católico e demonização do orixá Exu*. Revista USP, São Paulo, n. 50, p. 46-65, 2001.

PROENÇA, Cavalcanti. *Roteiro de Macunaíma*. 3ª Ed. Rio de Janeiro: MEC, Civilização Brasileira, 1974.

ambos se distanciam de elementos divinos por serem apegados à concretude, a elementos materiais e, no caso de Macunaíma, destaca-se o apego a muiraquitã e aos prazeres carnavais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a obra Macunaíma de Mário de Andrade segundo os aspectos sagrados que nela são encontrados faz-se com intuito de mostrar ao leitor que os elementos religiosos ali presentes não são meros coadjuvantes na trama modernista uma vez que, como Christian (2007) mesmo percebera, a realidade retratada por Andrade é aquela na qual o sagrado manifesta-se e a tudo rege.

A religião encontra, portanto, na literatura andradiana e em outras formas de arte um ambiente propício para as representações do sagrado que lhe pertencem. Mário de Andrade utiliza-se de diversos elementos referentes à religiosidade e os ressignifica em Macunaíma, equiparando a jornada empreendida pelo herói modernista àquelas presentes nos grandes mitos universais.

Além disso, ele também apresenta por meio de diversos símbolos, elementos musicais, lendas, mitos e ritos, uma miscelânea de fatores e eventos que delineiam a cultura brasileira. De fato, variadas interpretações e análises acerca deste processo de formação cultural brasileiro já foram realizadas ao longo dos anos e ainda hoje os são; contudo, verificou-se que com exceção das obras Mito e Símbolo em Macunaíma, de Oscar D'Ambrósio, e Um africano lê Macunaíma: uma interpretação da rapsódia de Andrade com base em elementos literários e culturais negro-africanos, de Dadie Kacou Christian, não há abordagens da rapsódia andradiana que interpretem os símbolos nela presentes sob um olhar que os relacione, de certo modo, ao da religiosidade.

Em inúmeros trabalhos científicos vê-se que o mito na narrativa modernista de Andrade é apenas interpretado segundo os aspectos literários que lhe cabem, enquanto que os ritos e outras questões referentes à religião são mencionados superficialmente. Por isso, este trabalho buscou mostrar a relevância de se repensar tais elementos na obra de Andrade enquanto linguagens pertencentes ao mundo da religiosidade.

A relação existente entre Macunaíma e outras personagens da rapsódia com a religião faz-se de forma bastante clara no texto. Então, por que não reivindicar também à literatura de Andrade uma abordagem que a repense e a interprete segundo as linguagens da religião uma vez que estas se manifestam nas mais variadas formas de arte, sendo o mundo literário, então, um de seus lares? Se, até mesmo, Mário de Andrade justifica que os livros religiosos lhe serviram de inspiração poética para a composição de sua rapsódia, por que ignorar tal fato? Por que não buscar, então, a religiosidade na narrativa andradiana? Por que não verificar de que maneira o sagrado manifesta-se por meio de seus mitos, símbolos e ritos em Macunaíma? Por que dentre tantas instabilidades na rapsódia, a religiosidade – representada por meio de suas linguagens – é um dos únicos, senão, o único fator a manter-se constante, até mesmo, na conduta do protagonista que é tão severamente denominado de herói sem nenhum caráter já que seus atos demonstram o quão influente esse comportamento se faz em sua jornada?

Dessa forma, verifica-se que interpretar o texto Macunaíma considerando a estrita relação entre religião e literatura a partir da consulta de teóricos que possam esclarecer tais questionamentos é de grande valia para a compreensão do universo mítico criado por Mário de Andrade, pois tal análise não se distancia totalmente daquelas que o consideram sob os olhares da construção identitária e cultural brasileira uma vez que a religião é uma das esferas que lhes compõe podendo, ser também objeto de estudo na obra literária andradiana.